

Edgard Freire

“Costumam dizer que eu sou patrimônio da Universidade, não quero ser patrimônio, quero ajudar, contribuir com a Universidade, essa é minha marca, de colaborar sempre.”

Meu nome é Edgard Freire. Nasci no dia 19 de janeiro de 1931 no Bairro da Penha em São Paulo. Meus pais, que são falecidos, nasceram em lugares diferentes. Meu pai era de Salto de Itú, uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo e minha mãe era da capital. Ambos eram muito trabalhadores e bastante humildes; minha mãe era lavadeira e meu pai, pedreiro. Enquanto eu estudava, cursei até o quarto ano do primário no Grupo Escolar Marechal Floriano, ajudava minha mãe entregando as roupas que ela lavava. Nós morávamos no Jabaquara e eu entregava roupas nas ruas Afonso Celso e Augusta. Até a Afonso Celso eu ia a pé; na ida tudo corria bem, mas na volta trazia a roupa suja para ser lavada e era tanta, tanta, que ficava difícil carregar aquela trouxa.

Quando eu ia para a Rua Augusta, pegava um bondinho pequeno. Tentava andar o mais que podia a pé pois minha mãe precisava muito do dinheiro e eu não me sentia bem gastando em condução. Aos 13, 14 anos, quando tirei o diploma, comecei a trabalhar numa fábrica de bonecas na Rua Vergueiro, mas aos sábados e domingos ainda entregava roupa lavada para as freguesas da minha mãe.

Minha família era muito grande. Éramos quatro homens e quatro mulheres. Um dos meus irmãos trabalhou aqui na Escola Paulista, o Dorival, mas, infelizmente, faleceu de tanto beber; na verdade, perdi três irmãos por causa da bebida. Fui o único homem que restou, mas ainda tenho minhas irmãs.

Quando parei de trabalhar na fábrica de bonecas, arrumei um emprego como tapeceiro, mas não tive muita sorte: após três meses de trabalho, a fábrica faliu e me vi desempregado. Foi um período difícil... levantava às 4 horas, comprava o jornal Diário Popular e andava muito atrás das vagas anunciadas. Como eu ia a pé, quando eu chegava, a maioria delas já tinha sido preenchida. Essa vida durou aproximadamente três meses, quando, felizmente, encontrei um amigo, o Carlos, que trabalhava na Escola Paulista, e me indicou para o cargo de faxineiro. Vim até aqui, falei com o Professor Miranda e fui trabalhar na Fisiologia como servente, porém sempre trabalhei de terno e gravata. Eu costumava varrer muito bem o pátio, pois se o Prof. Miranda encontrasse qualquer sujeirinha lá, como um palito de fósforo por exemplo, fazia o maior escândalo gritando para que eu tirasse aquele “tronco” do meio do caminho. Como servente, eu lavava os banheiros e cuidava dos cachorros que eram usados nas experiências, mas estava sempre de olho no serviço que os técnicos faziam... eu era um crioulo esperto.

Quando fiz 18 anos (fazia dois que eu trabalhava aqui), fui chamado para servir no Exército. Foi uma sorte! O professor Miranda guardou meu lugar e melhor, quando voltei, fui promovido à laboratorista. Em 1952, saiu um técnico da Fisiologia que me indicou para o Dr. Galvão dizendo que eu seria capaz de substituí-lo. Houve uma

reunião da Congregação, o diretor da Escola nessa época era o Dr. Jairo Ramos, e fui aprovado para o cargo. Fiquei triste porque tive que parar de cuidar dos cachorros com os quais costumava brincar, mas gostava muito de ajudar o pessoal como técnico. Fazia de tudo por aqui, principalmente preparar os animais para os médicos que estavam começando com os transplantes na Escola. Deixava tudo prontinho para facilitar a vida deles.

Eu gostava muito do Dr. Jairo Ramos; ele era muito bom. Fui o único que teve chance de entrar no carro dele, porque ele me levava em casa após as experiências com cães à noite; eu era apenas um garoto e ele falava bastante comigo.

Um dia, eu estava sentado numa saída lateral que dava para o Hospital, lendo o jornal A Gazeta Esportiva, quando vi um anúncio que estava no rodapé do jornal, dizendo que o São Paulo Futebol Clube estava precisando de atletas. Naquele tempo, o Ademir Ferreira da Silva tinha batido o recorde no salto triplo e eu havia ficado muito entusiasmado. Pensei que se fizesse um esporte, poderia ficar conhecido no mundo todo. Resolvi ir até o clube. Mal havia chegado, colocaram um bastão na minha mão para que eu corresse um revezamento de 4 x 100. Eu fui o último homem e nossa equipe foi a vencedora. Voltei lá na terça-feira para ser apresentado ao técnico. O problema é que eu havia costurado um tênis velho para fazer o teste, mas, como era muito velho mesmo, não agüentou: quando corri, ele arrebentou. Fiquei sem tênis! Como eu não tinha tênis, eu disse para o treinador que estava com dores na perna. O nome dele era Dietrich Gerner, um alemão; ele me olhou longamente, olhou para meus pés, chamou o roupeiro e mandou que ele me desse tênis e agasalho completo. Aí começou minha vida de esportista no São Paulo.

Eu trabalhava aqui na Escola durante 6 horas e à noite ia direto para o treino. O ano de 1953 foi de sorte para mim, pois, além de ter participado da minha primeira São Silvestre, o Dr. Galvão arrumou para que eu trabalhasse no Jockey Clube. Meu trabalho era fazer exames nos cavalos para verificar se eles não estavam dopados. Trabalhei lá por 30 anos. Minha vida então ficou assim: trabalhava na Escola até o meio dia, as 13 horas, entrava no Jockey, saía às 17 e às 18, ia para o Canindé treinar.

Começaram a acontecer coisas muito interessantes na minha vida. Pela primeira vez saí de São Paulo e fui para o Rio de Janeiro para disputar a Corrida da Fogueira. Para isso, tive que disputar, aqui em São Paulo, uma eliminatória de 5.000 metros. Quando comecei a prova, havia um rapaz que logo ficou em primeiro lugar. Toda vez que eu tentava passá-lo, ele dizia: “não me passa que você não agüenta!” Fiquei muito impressionado. Acabei chegando em segundo lugar e só depois da prova o técnico me disse que ele era o recordista dos 5.000 metros, Pedro de Andrade.

Minha vida então se dividia entre o esporte, o trabalho no Jockey e o trabalho na Escola, que eu adorava. Aqui eu aprendia cada dia mais, inclusive comecei a abrir os animais e deixar prontinho para o professor dar aula.

Em 1954, fiquei em segundo lugar na São Silvestre e me tornei conhecido no mundo todo. Perdi para um iugoslavo, o Mihalic. Alguns médicos da Escola prestaram uma homenagem para mim, vieram conversar comigo e me ofereceram uma medalha. Bem, até hoje, eles não a entregaram, mas valeu a intenção. Naquela ocasião, recebi telegrama

até do exterior me cumprimentando. Começou aí minha ascensão dentro do esporte e da Escola.

Em 1956, a Escola foi federalizada e aí aconteceu uma coisa muito desagradável: todas as pessoas que trabalhavam comigo passaram a técnico geral, menos eu que havia sido contratado como funcionário público. Para que eu pudesse ser promovido, teria que haver um concurso. Fiquei triste, mas continuei fazendo meu trabalho na Fisiologia cujo Titular era o Dr. Paulo Enéas Galvão. Houve, então uma coisa interessante: certo dia, um médico novo resolveu dispensar minha ajuda e ele mesmo preparar a aula. Ele estava ensinando sobre pressão arterial e não conseguia fazer a oncografia do baço. Lá pelas tantas, ele ficou muito irritado e chamou minha atenção na frente dos alunos. Fiquei muito bravo e disse a ele que não estava dando certo porque ao invés de um baço ele estava usando um fígado. Ele ficou muito sem jeito e os alunos caíram na risada.

Em 1963, fui muito mal no esporte: meu resultado na São Silvestre foi péssimo. A imprensa, que havia me jogado lá em cima, me atirou para baixo. Ninguém levou em consideração que eu havia sido o único atleta do país a correr os 5.000 metros em 14,53 segundos. Eles tinham uma certa razão: no esporte individual, você não pode culpar o técnico; você erra e paga pelo seu erro. Fiquei muito triste e um dia, sentado no banco ali do pátio, resolvi abandonar o esporte e ser doutor. Pensei em fazer odontologia, mas então me lembrei que só tinha o quarto ano do primário. Resolvi fazer o supletivo, estudei muito, muito. Quando terminei, precisava fazer cursinho. Havia um aluno aqui cujo pai era dono do Pré-médico e que arrumou uma bolsa de estudos para mim. Fiquei muito admirado e um pouco desanimado, pois havia jovens lá que faziam cursinho há cinco anos e não tinham conseguido entrar na faculdade. Pensava: “meu Deus, se eles não conseguem, como é que eu vou conseguir?” Comecei a estudar muito mais e consegui passar na primeira chamada da OSEC, hoje Unisa. Ah! Tenho que dizer que acabei prestando biomédicas por causa do Dr. Turfúbio, que era professor, e me disse que, caso eu fizesse biomédicas, eu poderia ajudá-los lá também. Fiz o curso todo sem repetir nenhum ano e então, como eu tinha nível superior, pude fazer um concurso aqui na escola para técnico em assuntos educacionais. Fiquei sabendo desse concurso em cima da hora, mas consegui passar. Logo depois, o diretor (não me lembro o nome agora) queria que eu fizesse um concurso para auxiliar de ensino. Eu me recusei porque ia ganhar menos: já era casado e tinha filhos para criar. Então eles decidiram que, mesmo sem o tal concurso, eu ia lecionar na Medicina, na Enfermagem, Ortóptica, Fono e Biomedicina.

Não pense que eu tenha pulado alguma coisa como o mestrado, por exemplo. Naquela época não era necessário fazer mestrado para lecionar, porém resolvi fazer a pós-graduação, um ou dois anos depois de formado. Foi outro problema porque, naquele tempo, funcionário não podia fazer mestrado. A Yara e eu fomos os primeiros funcionários a conseguir isso na Escola e para que eu pudesse fazê-lo tive que pegar as assinaturas do professor Oswaldo Ramos, do professor Constabile Galucci, cardiologista e do professor Rato e, ainda assim, tive que esperar um bom tempo porque o Dr. Dietrich, que era o responsável por me aceitar no curso, ficou me enrolando bastante. Até que um dia, o próprio Dr. Jacob ficou muito irritado, me chamou e fomos até o Dr. Dietrich, que sem outra opção, assinou os papéis na hora.

Fiz o mestrado na Fisiologia e muitas pessoas me ajudaram. Fiz vários trabalhos lá e um deles deu origem ao meu mestrado. O nome é um pouco longo, mas vamos lá: “Comparação do efeito da inibição farmacológica da área intermediária na superfície

ventral do bulbo de gatos com glicina sobre as variáveis cardiorrespiratórias em condições de repouso eletricamente induzido.” Nossa... fiquei até sem fôlego!

Antes de desenvolver esse trabalho, eu havia apresentado outro num congresso em Recife, que foi publicado, entre vários outros, sobre o coração. Eu adorava trabalhar com o pessoal da cardiologia, o Dr. Zerbini, o Dr. Davi Goldenberg, Dr. Jairo Ramos, Dr. Constabile Galucci, mas o professor da Fisiologia, que era o Dr. Pedro, não permitiu que eu continuasse estudando o coração e como eu queria muito fazer o mestrado, tive que me adaptar.

Encontrei muitos obstáculos na vida, mas creio que eles foram necessários para que eu vencesse. Infelizmente, até entre os biomédicos aqui da Escola, que eu auxiliava e que diziam gostar de mim, encontrei resistências. Uma coisa é você ser auxiliar e as pessoas dependerem do seu trabalho, outra é você ser concorrente... Aí as portas se fecham. Até o diálogo fica mais complicado, embora eu tenha sido sempre a mesma pessoa. Já fui servente, por isso trato todas as pessoas da mesma maneira. Se eu estiver conversando com um servente e um professor disser que quer falar comigo, primeiro termino de ouvir o que o servente tem a dizer e depois falo com o professor; não nasci com um DR na frente do meu nome, não me importa se me chamam de professor, doutor ou simplesmente Edgard. Sempre fui respeitado, inclusive pelo Dr. Ulysses que é o atual reitor. Imagine que sou o único funcionário da Escola que foi à Brasília com o Dr. Hélio Egydio, quando o presidente era o Fernando Henrique e o Vice, o Marco Maciel, receber uma medalha de ouro. O ministro da educação era o Paulo Renato e no aniversário de 70 anos do MEC recebi essa medalha. Foi um dia feliz e minha família ficou orgulhosa de mim.

Minha esposa ficou contente; o nome dela é Deise Jurdelina de Castro Freire; ela foi atleta famosa. Primeiro, representou o Palmeiras e depois, o São Paulo, onde nós nos conhecemos e começamos namorar. Ela esteve nas Olimpíadas de Helsinque e nos jogos Pan-Americanos; viajávamos juntos; foi recordista do salto em altura e, também, dos 200 metros. Hoje ela não salta mais, mas é apaixonada por política, foi até candidata a vereadora; é voluntária na regional do Jabaquara, eu não gosto. Temos dois filhos: um rapaz, o Fábio, que está na Suíça; ele fazia parte do Conjunto Placa Luminosa quando resolveu seguir carreira solo. Foi para a Europa e é excursionista. Tenho também uma menina, que trabalha aqui na Escola. Ela é enfermeira, só que não depende de mim, anda com suas próprias pernas, fez faculdade em Mogi das Cruzes. Tenho dois netos do meu filho, um menino de 21 anos e uma menina de 22 que está terminando Veterinária. Da minha filha tenho uma netinha de seis anos que estuda aqui na Paulistinha, a escola da Unifesp para filhos de funcionários. Quando minha filha era pequena, eu costumava trazê-la aqui para a Escola comigo; ela adorava andar nas tartarugas enormes que serviam para estudos, mas acho que isso não a influenciou na hora de escolher sua carreira.

Bem, minha vida na Universidade foi essa. Hoje eu trabalho no CEMAFE e há 10 anos, quando estava com 65, voltei a competir. Nessa minha volta, já fiz oito maratonas: seis em Nova York, uma em Paris e uma na Holanda. Quando voltei, tinha cinco patrocinadores; a Globo me ajudou muito. As pessoas podem falar, mas a Globo era a única emissora de televisão que, quando eu chegava às 6 horas para treinar, já estava me esperando. Apareci em várias revistas, *Raça*, *Veja* e numa outra de um amigo do Abílio Diniz, que é meu patrocinador hoje. Ele e o filho João me tratam muito bem e mesmo

que eu nunca tenha pedido, sempre renovam meu patrocínio no final de cada ano. Hoje já corri 10 quilômetros logo cedo.

Trabalhei na Escola durante 50 anos e só me aposentei porque ia completar 70 anos de idade e minha aposentadoria seria compulsória. Para que tivesse direito a 20% a mais nos meus rendimentos, me aposentei antes da compulsória. Antigamente tinha isso, hoje acho que não tem mais, parece que o Fernando Henrique tirou. Continuo trabalhando no CEMAFE e recebo salário de lá. Fiquei chateado quando sai da Fisiologia, mas eles resolveram me transferir de setor e me tirar da minha sala sem me consultar. Fiquei revoltado e procurei o professor Manoel, que era o reitor na época. Ele me disse o seguinte: “Edgard, você tem 49 anos de Escola, você vai ficar onde você quiser!” Naquela época, o CEMAFE estava sendo inaugurado e o Turibio me convidou para trabalhar lá. Não tive dúvidas, fui para o CEMAFE e pronto! Só que aí o Turibio e todo aquele pessoal queria que eu continuasse dando aula, pois descobriram que ninguém havia aprendido a parte prática para ensinar, imagine... Não dei mais aulas e como saí acabou a parte prática do curso. Estou muito feliz no CEMAFE.

A escola cresceu demais, desordenadamente; existem casinhas até na Praça da Árvore. Eles deveriam há muito tempo ter construído uma cidade universitária aqui... agora não dá mais. A Universidade cresceu muito, há vários outros campi, Diadema, Guarulhos, Santos... Estão criando novos cursos, antigamente era só Medicina, Enfermagem e Biomedicina. Com tantos cursos, os jovens de hoje têm muito mais oportunidades. Existem novas leis que os protegem; por exemplo, um menor de 16 anos não pode trabalhar, só estudar; eu comecei a trabalhar com 10 anos, as coisas eram mais difíceis... Veja, eu prestei vestibular com 42 anos e não podia faltar a uma aula, pois era o único negro da classe.

O fato de ser negro não me causou maiores problemas, sempre fui respeitado porque sempre respeitei. Houve um único problema aqui na Escola, na verdade dois: numa ocasião, eu estava escrevendo na lousa quando uma aluna chegou e perguntou quem era o professor que iria dar aula. Respondi que não sabia e quando ela entrou na sala e percebeu que eu estava dando aula não sabia onde enfiar a cara. Numa outra vez, um residente de fora me desacatou quando eu andava pelos corredores com o professor Portugal. O professor o levou para a sala dele e disse que eu valia muito mais que ele. Serviu de lição. As pessoas que me conhecem me respeitam e não costumo discutir. Em casa, com minha família discuto porque é meu papel de marido e pai, agora ficar discutindo só pra mostrar que você sabe usar temos científicos... é bobagem. Tenho consciência de que não sou médico, sou biomédico e isso me basta.

Sou contra cota para negros na Universidade. Acho que é uma maneira de discriminar mais ainda, de dizer que ele não é capaz, e acredito firmemente que com sacrifício todos podem conseguir o que desejam. Acho que o governo deveria melhorar, e muito, a educação básica. Se isso acontecesse, não haveria necessidade de cota nenhuma. O negro tem tanta capacidade quanto o branco, só precisa de uma escola básica de qualidade. Cota não vai resolver o problema, só vai piorá-lo.

A Universidade cresceu demais. Antigamente você conhecia todos os funcionários, hoje fica difícil interagir, o clima era mais saudável... ainda tem muita gente boa, mas tem gente que..., enfim, sou amigo de todo mundo. Costumam dizer que eu sou patrimônio da Universidade. Não quero ser patrimônio, quero ajudar, contribuir com a Universidade, essa é minha marca, de colaborar sempre. Aqui está uma família também,

de amigos, de colegas... a Escola representa tudo para mim, e dou graças a Deus por ter me aposentado e não parado de trabalhar: o homem, quando pára de trabalhar, morre.